

No caminho do Menezes Côrtes



Intrigado com o justo-no-caso-concreto. Pertinente a advertência quanto a justiça como virtude, na lição de Aristóteles para o seu filho. Mas, não devemos buscar o justo, a resposta correta, a resposta adequada à constituição ou outro nome que se queira dar? Não é o direito uma questão de caso concreto?

Estudei na Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, no campus que ficava no último andar de um prédio de estação de ônibus, Terminal Menezes Côrtes. No caminho, entre o hotel e a universidade sempre passava na rua aos fundos do TJRJ e me deparava com um monumento feito em bronze dedicado à lei, justiça e equidade, figurado nas três pessoas da santíssima trindade: ao centro Deus Pai, que tem consigo a escritura; ao seu lado direito, Deus filho, na pessoa de Cristo com a espada da justiça; e à sua esquerda a imagem de Deus Espírito Santo, com uma talha a intuir a equidade.

<<Revedo a estatueta, a equidade vem representada pela imagem de uma mulher, uma mãe, a própria misericórdia, esta nota da justiça divina que, de algum modo, com ela divisa: até onde vai a justiça, até onde vai a misericórdia não nos é dado precisar; sabemos apenas que são virtudes parcialmente conviventes: por lógica, se uma prevalece de todo a outra não tem como subsistir.>>

Voltemos ao Deus trino: Deus Pai: aquele que sempre foi, a lei. A eternidade. Nas três faculdades do espírito humano, memória, inteligência e vontade, seria o Deus-memória, aquele que sempre foi. Deus filho, Cristo, segunda pessoa da trindade, é o Deus que se faz conhecer, o verbo, o Deus inteligência, o Deus que nos faz pensar, pois é a pessoa visível da trindade, o Deus que se fez carne e habitou entre nós. Assim como Cristo instiga nossa inteligência, o Deus Espírito toca nossa vontade, o Espírito sopra aos

nossos corações. Estamos já na última imagem, na terceira pessoa da trindade, que é o amor que procede do pai para o filho - e vice-versa -, o Deus que hoje se faz presente, o advogado que nos é enviado, uma vez que Cristo, como humano, não está mais entre nós. O Deus Espírito Santo - no monumento, a mãe - carrega uma talha a indicar a equidade. A talha vem mostrar a temporalidade, o caso concreto, porque para cada vez se enche de nova medida. Uma solução é sempre a solução daquele caso. Novo caso, nova medida, ainda que igual.

Assim, Deus pai é a lei, Deus filho é a justiça – a inteligência da lei – e Deus Espírito Santo é a equidade, a justa medida ao caso concreto. O professor Vicente Barreto com acuidade referiu a equidade como sendo a-justiça-não-prevista (Unesa/RJ, aula). Gadamer também referiu a aproximação da trindade com a palavra (Verdade e Método, 1999:616). O verbo é importante: “palavra é pá-que-lavra” (Streck, Curitiba, 10 anos da Constituição), mas o verbo antes de ser verbo era vento, animus, ânimo, vida. Porque é o ar que enche os pulmões para dar voz à garganta. O ar é vento, sopro, espírito, vida.

Em local diverso, conhecido como Beco da Música, o monumento traz ainda uma quarta imagem, na qual o mesmo artista, desembargador do Rio de Janeiro nascido na Bahia, Deocleciano Martins, apresenta a figura de uma testemunha, guardando a nota importante da participação que faz legítima a construção do processo democrático. Numa democracia a previsão importa; importam caminho e resultado, a decisão é do entendimento coletivo, bitolado pelo acordo constitucional, devidamente aplicado na atenção do caso concreto. Essa a talha da justiça; não a das irmãs Danaides, na qual todo o esforço se esvai em vão.



Danaides, por John William Waterhouse